



POSTULAÇÃO
DE FRANCISCO E JACINTA MARTO

BEM-AVENTURADOS FRANCISCO E JACINTA MARTO

Boletim dos Pastorinhos

Publicação trimestral - preço 1 € | issn 1645-1309

JULHO/SETEMBRO 2012 – 206 (Ano 50)

A Gruta, Lugar do Encontro com Deus

P. Ricardo Jorge Freire, scj

Universidade Católica Portuguesa

Introdução

Quando pensamos numa gruta, num contexto pastoril, como é o caso dos Pastorinhos de Fátima, é fácil pensar num abrigo para os pastores e para os rebanhos, como, aliás, o faz a própria Ir. Lúcia, nas suas Memórias¹. No contexto das aparições de Fátima, nomeadamente das aparições do Anjo, essa “caverna abençoada” serve de lugar de encontro dos Pastorinhos com Deus e, no caso da terceira aparição do Anjo, do encontro com Jesus Eucaristia que, pela oração do Anjo, leva ao próprio mistério da Trindade (“Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, adoro-Vos profundamente”). Já agora, ainda a título de introdução a esta nossa reflexão, poderemos, mencionar que a própria Ir. Lúcia e os seus primos reconhecem esse lugar como lugar do encontro com Deus e como lugar de oração. Dirá, de facto, a propósito do motivo que os levou à gruta para a terceira aparição: “Combinámos ir rezar na gruta que ficava do outro lado do monte”². Se, por um lado, acreditamos não se tratar de memórias de acontecimentos, que, na sua narração, teriam sido forjadas a partir de fundos tradicionais existentes, por outro lado, vem em nosso auxílio a comparação que podemos estabelecer com outras manifestações de Deus, concretamente no mundo bíblico.

Na verdade, muitas vezes se tem apontado como grande mérito da mensagem de Fátima o facto de estar em perfeita correlação com a mensagem bíblica e, concretamente, evangélica³; podemos fazer o mesmo sobre a fenomenologia dos lugares das aparições e do conteúdo dessas mesmas aparições.

Apraz-nos pensar em quatro momentos distintos da história da salvação, no contexto da gruta: dois do Antigo Testamento (a saber, os casos de Moisés e de Elias, no Monte Sinai/Horeb) e outros tantos do Novo Testamento (os casos da manifestação de Jesus, no presépio de Belém e na Ressurreição, no sepulcro).

**“caverna abençoada”
serve de lugar de encontro
dos Pastorinhos com Deus**

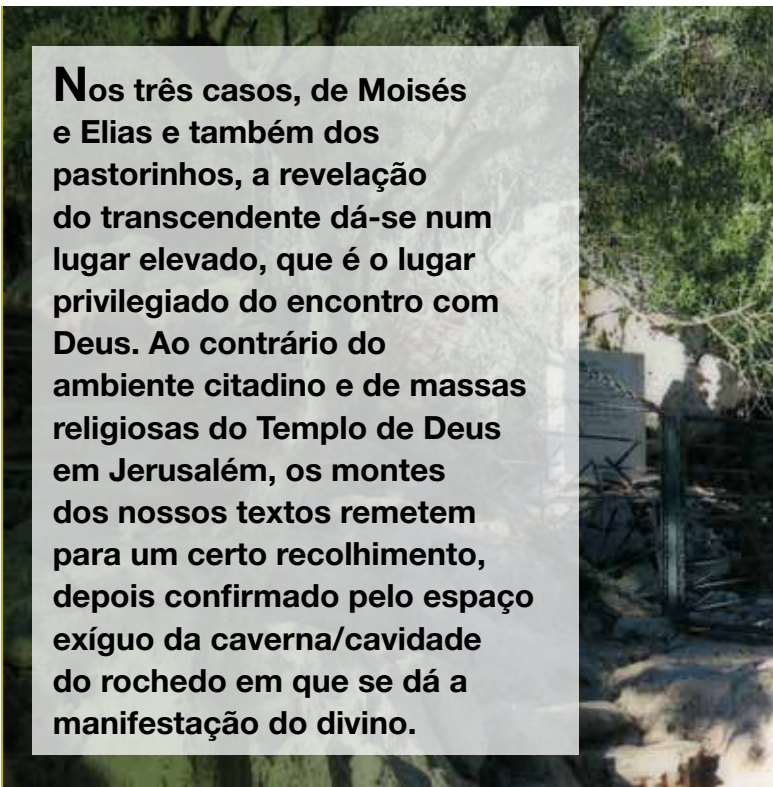


Grutas da Moeda

Do Horeb até à Loca do Cabeço: os Pastorinhos como Moisés e Elias

Quando pensamos nos casos do Antigo Testamento, ocorrenos facilmente o conhecido passo de Elias que, fugido para o deserto, para escapar às mãos de Jezabel, a rainha pagã promotora do culto a Baal, que anseia por vingança⁴, irá ter - como se de coincidência se tratasse - ao Monte Horeb (1Rs 19). É por esta via que nos ocorre o segundo texto - primeiro no cânone bíblico - de Moisés em Ex 33: chegámos a este por via de Elias - e não contrário - por um certo percurso exegético que faz identificar a gruta em que Elias entra e fala diretamente com o Senhor (“na gruta”, 1Rs 19,9) com a “cavidade da rocha” (Ex 33,22) onde Moisés se escondia⁵. Sem nos determos, aqui, nos pormenores da disputa exegética sobre os lugares, procuremos concentrar-nos naquilo que podem aportar ao caso das aparições do Anjo de Portugal⁶, nos Valinhos, em Aljustrel. Nos três casos, de Moisés e Elias e também dos pastorinhos, a revelação do transcendente dá-se num lugar elevado⁷, que é o lugar privilegiado do encontro com Deus⁸. Ao contrário do ambiente citadino e de massas religiosas do Templo de Deus em Jerusalém, os montes dos nossos textos remetem para um certo recolhimento, depois confirmado pelo espaço exíguo da caverna/cavidade do rochedo em que se dá a manifestação do divino. Feitas as devidas distinções entre os casos bíblicos e o caso dos Pastorinhos de Fátima (não se trata propriamente de pessoas com funções diretivas, como o profeta Elias ou o líder Moisés), podemos dizer que em todos os casos, há uma mensagem para o exterior, que acompanha o privilégio da revelação particular. No caso de Moisés, trata-se de um sinal pedido por Moisés para saber se ele e o Povo de Israel encontraram graça diante de Deus (cf. Ex 33,15-16.18) e será depois disto que Moisés receberá as segundas tábuas da Lei onde se rescreverá tudo o que estava nas primeiras (cf. Ex 34,1). Já para Elias, o Senhor revela-se-lhe, terminando a revelação com um mandato de ungir dois reis e um profeta; no final há uma promessa de poupar aqueles que se mantêm na fidelidade ao Deus de Israel (cf. 1Rs 19,15-18). Em tudo isto, onde podemos colocar os pastorinhos de Fátima? Também eles recebem uma missão, não propriamente profética (no sentido de, em nome de Deus, transmitir uma mensagem), mas sobretudo uma missão em favor dos outros - por isso, muito cristã - no caso, de rezar muito “Os Corações de Jesus e de Maria estão atentos à voz das vossas súplicas”, algo que, já não no contexto da gruta, mas na segunda Aparição do Anjo - portanto, no poço - o mesmo mensageiro explicitará como orações e sacrifícios em reparação e súplica “pela conversão dos pecadores”⁹.

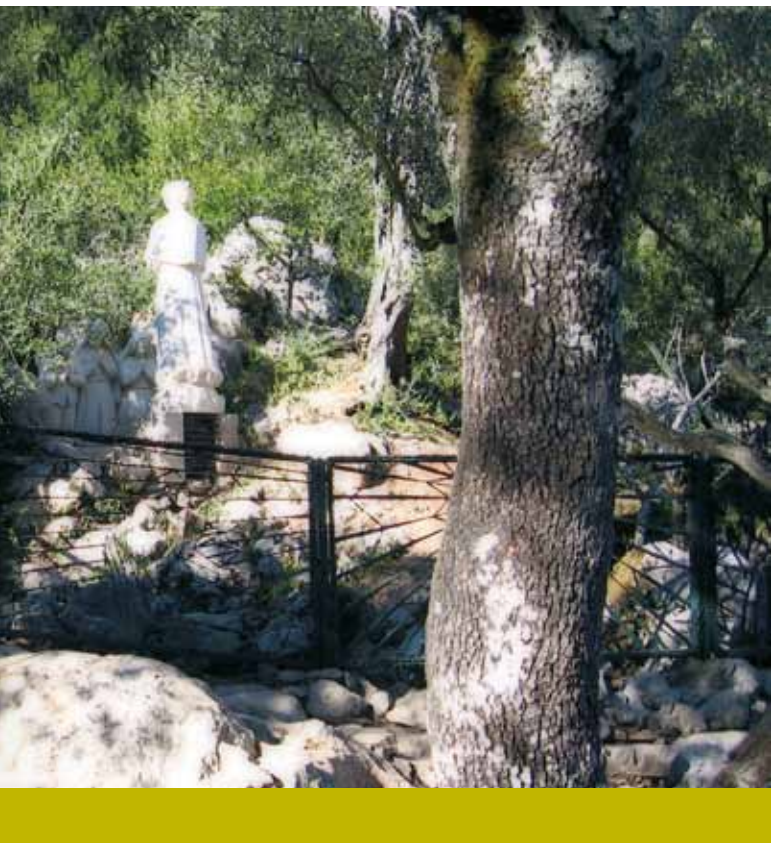
Ainda em ambiente de correspondência entre a experiência



Nos três casos, de Moisés e Elias e também dos pastorinhos, a revelação do transcendente dá-se num lugar elevado, que é o lugar privilegiado do encontro com Deus. Ao contrário do ambiente citadino e de massas religiosas do Templo de Deus em Jerusalém, os montes dos nossos textos remetem para um certo recolhimento, depois confirmado pelo espaço exíguo da caverna/cavidade do rochedo em que se dá a manifestação do divino.

Loca do Cabeço, Fátima, Portugal

dos pequeninos de Fátima e a experiência dos dois “gigantes” do Antigo Testamento, na Lei e na Profecia, podemos mostrar a semelhança da manifestação divina. A Ir. Lúcia haveria de comentar acerca dos sentimentos que os envolviam: “A força da presença de Deus era tão intensa que nos absorvia e aniquilava quase por completo. Parecia até privar do uso dos sentidos corporais por um grande espaço de tempo. [...] A paz e a felicidade que sentíamos era grande, mas só íntima, completamente concentrada a alma em Deus. O abatimento físico, que nos prostrava, também era grande”¹⁰. Tudo isto se encontra em linha com a revelação da glória de Deus no Antigo Testamento e, concretamente, nos casos que temos vindo a tomar como ponto de referência. Na verdade, a Moisés, Deus promete mostrar-se apenas por trás, cobrindo-o com a sua mão, quando passar por ele; e tudo isto acontece na cavidade do rochedo (cf. Ex 33,21-23). O mesmo aconteceria com Elias, que cobrira a face com um manto, ao ouvir o suave murmúrio da brisa em que estava a presença do Senhor (cf. 1Rs 19,13). Se, alegoricamente, interpretarmos a mão do Senhor que cobre Moisés, como as asas à sombra das quais o orante do Sl 36/35 encontra abrigo¹¹, poderemos verificar uma certa analogia com a experiência dos pequeninos de Fátima: “a força do sobrenatural que nos envolvia”. Já por quanto se refere a Elias, assinala-se ainda um certo paralelo entre a sua resposta, no cimo do Monte: “Estou a arder de zelo pelo Senhor, o Deus do universo” (1Rs 19,10), motivado pela infidelidade do Povo ao Se-



nhor, vêm-nos espontaneamente à cabeça a atitude dos Pastorinhos, recordada por Lúcia, exatamente acerca da Loca do Cabeço: “Quantas orações e sacrifícios ela [a Jacinta] ali ofereceu ao nosso bom Deus!”¹². Ou então a recordação de um episódio, não já relacionado com o Anjo, mas com as Aparições de Nossa Senhora, cheio da ingenuidade de uma criança mas da sabedoria de uma pessoa santa, a Jacinta que diz acerca de uma mulher que os insultava e que se encontrava embriagada: “Temos que pedir a Nossa Senhora e oferecer-Lhe sacrifícios pela conversão desta mulher. Diz tantos pecados que, se não se confessa, vai para o inferno”¹³. Verdadeiramente, estas crianças ardiavam em zelo pela conversão dos pecadores e ansiavam por trazê-los de volta, quais filhos pródigos, até ao Pai misericordioso.

Na gruta, o encontro com Jesus

Se passamos ao Novo Testamento, apresentamos duas grutas que nos parecem de sobremaneira importantes para o tema em questão, a saber, o lugar do encontro com Deus. A dizer verdade, nenhuma gruta é atestada pelo texto bíblico para os dois mistérios, do nascimento e da morte/ressurreição de Jesus. No caso da morte/ressurreição de Jesus, se tivermos em conta uma possível analogia com o sepulcro de Lázaro, descrito por Jo 11,38 (“uma gruta fechada com uma pedra”), podemos deduzir - ainda que hipoteticamente - que, também no caso de Jesus o fosse, como podemos verificar em Mc 15,46

(“depositou-o num sepulcro cavado na rocha”). Já para o caso da Natividade de Jesus, verificaremos que a analogia com a gruta vem do texto apócrifo do Protoevangelho de Tomé, consagrado depois na tradição artística e que, aqui, nos poderá servir de base para uma analogia importante. Quanto à gruta do rochedo onde fora depositado o Senhor, morto, torna-se no lugar onde Maria Madalena e as mulheres que vinham com os perfumes para o corpo do Senhor, encontraram o sepulcro vazio e, nas narrativas de Marcos e Lucas, encontram pessoas vestidas de branco¹⁴. Estas descrições e o diálogo do jovem vestido de branco do texto de Marcos (Mc 16,6: “Não vos assusteis!”) fazem-nos recordar a narrativa das aparições do Anjo na Loca do Cabeço. De facto, as Memórias da Ir. Lúcia recordam sempre na primeira aparição, a que poderia causar medo pela circunstância de novidade que apresenta, a palavra do Anjo: “Não temais! Sou o Anjo da Paz. Orai comigo”; ao recordar a primeira aparição do Anjo, na Loca do Cabeço, dirá a vidente de Fátima: “Começámos a ver, a alguma distância, sobre as árvores que se estendiam em direção ao Nascente, uma luz mais branca que a neve, com a forma de um jovem, transparente, mais brilhante que um cristal atravessado pelos raios do Sol”¹⁵. Além disso, o relato do sepulcro vazio, de Marcos, e o relato da terceira Aparição do Anjo - o que também é verdade para as outras aparições - apontam sempre para Jesus. Se fomos buscar o exemplo da terceira destas aparições, é pelo facto de o Anjo da Paz ter trazido consigo um cálice na mão com uma hóstia a escorrer gotas de sangue. Sem entrarmos aqui na definição do que seja o Corpo Glorioso de Cristo, podemos afirmar que há uma certa analogia com os relatos do encontro do túmulo vazio. Essa salta aos olhos, uma vez que, em ambos os casos, se aponta, não para o Corpo do Senhor morto, mas para uma outra presença que permanece para além do tempo, por um lado, o Corpo Glorioso, ressuscitado de Cristo, por outro, para o Senhor presente nas espécies do Pão e do Vinho, na Eucaristia. Diga-se a este respeito que, tal como pretendem os relatos das aparições do Ressuscitado, sobretudo os joaninos - veja-se o emblemático caso de Tomé¹⁶ - o Corpo Glorioso de Jesus leva em si as marcas da Paixão, mostrando que se trata de um e mesmo Senhor. O Ressuscitado é aquele que esteve cravado na cruz; do mesmo modo, o Corpo de Jesus, na hóstia que o Anjo traz consigo, é a presença real de Jesus, a escorrer sangue, qual marca da Paixão de Cristo. Interessante será notar que, se o relato de Tomé terminará na confissão de Jesus como Senhor e Deus¹⁷, o Anjo ensinará os pequenos a rezar à Santíssima Trindade diante da Eucaristia. Nestes pastorinhos ficaria para sempre impresso o amor a Jesus na Eucaristia, tão característico das Memórias da Ir. Lú-

cia, sobre o Francisco e a Jacinta¹⁸, quase a repetir essa relação tão próxima e íntima de uma Maria Madalena que procura desesperadamente o seu Senhor, qual ovelhinha que procura o seu Pastor, ou então a encarnar definitivamente o orante do SI 62/63 que diz: “a minha alma anseia por Ti”. Por último, temos o caso da gruta da natividade. Os textos dos evangelhos de Mateus e Lucas, os únicos a registar o nascimento de Jesus, não falam de uma gruta, mas de uma “casa” (cf. Mt 2,11, a propósito dos Magos) ou - sugere-se - um “estábulo” de animais, ou pelo menos o andar inferior de uma casa, onde, segundo os historiadores que estudam os costumes desse tempo, ficavam os animais, sem que de um estábulo se tratasse (cf Lc 2,7). Como acima ficou dito, a arte tem seguido a sugestão do Protoevangelho de Tomé (capítulos 18-19) que narra os factos de uma forma diferente, com José a recorrer a uma parteira judia, a quem conduz à gruta. Os factos deste escrito apócrifo vão na linha dos factos narrados por Mateus, com alguns acrescentos do domínio do maravilhoso. No entanto, tal como S. Mateus, joga com o tema da luz da estrela que guia os magos, bem como da luz que inunda a gruta onde nasce o Menino Jesus. Se a estes factos juntarmos os dados de Lucas, temos um Anjo como mensageiro para pastores, iniciando a sua mensagem divina para os pastores, novamente com o imperativo: “Não temais” (Lc 2,10), que já recordámos a propósito da primeira aparição do Anjo. Aqui, verificámos o verdadeiro papel do Anjo, como aquele que é o mensageiro, o porta-voz de Deus¹⁹. Também em Fátima, o Anjo que se apresenta diante dos pastorinhos diz ser o Anjo da Paz, tal como em Belém, uma multidão de anjos, no céu, canta: “Glória a Deus... e paz na terra...” (Lc 2,14). O tradicional presépio acrescenta os animais - o burro, a vaca e muitas ovelhas - dando um ar bucólico à cena da Natividade de Jesus. Também a Ir. Lúcia tem certo gosto em falar das ovelhas que os acompanhavam até à gruta²⁰. Além disso, é interessante mostrar que Maria depôs o Menino numa manjedoura - lugar onde comem os animais - o que, na interpretação exegética e, sobretudo, espiritual, muitas vezes tem conduzido a pensar numa prefiguração da Eucaristia. Do mesmo modo a gruta da Loca do Cabeço, em Aljustrel, será o lugar onde os Pastorinhos se irão encontrar com Jesus que se fez alimento dos homens, na Eucaristia, ou se quisermos, com Jesus, em Corpo e Sangue, tal como o veem os pastores de Belém.

Conclusão

Se, ao começar, enunciávamos o caminho de Elias, a caminho do Sinai, no trilho dos caminhos de Moisés, e mostrávamos que alguns motivos da cena bíblica podiam ser captados também na forma como a Ir. Lúcia descreve as manifestações sobrenaturais de Fátima, depois de termos explicitado todas estas analogias, que são apenas algumas das possíveis, sem preocupação de exaustão, tem de ficar o convite a fazermos nosso o caminho dos Pastorinhos de Fátima e de, na gruta e nos outros lugares de Fátima, podermos fazer nós também a experiência de um Deus, louco por amor, que chama à conversão.

- 1 Memórias da Ir. Lúcia. I (Fátima 2010) 77: “Subimos a encosta do monte, seguidos das nossas ovelhinhas, em procura de um rochedo que nos servisse de abrigo. Foi então que pela primeira vez entramos nessa caverna abençoada”.
- 2 Memórias da Ir. Lúcia. I, 78.
- 3 Veja-se o apelo constante da mensagem de Fátima à conversão dos pecadores (no caso, também à oração e penitência por esta intenção) e o apelo fundante da pregação de Jesus, nos Evangelhos Sinópticos: “Arrependei-vos e acreditai no Evangelho” (Mc 1,15 e par.).
- 4 Cf. 1Rs 19,3: “Que os deuses me tratem com o maior rigor, se amanhã, a esta mesma hora, não fizer da tua vida o mesmo que tu fizeste da vida deles [dos profetas de Baal]”
- 5 Atente-se ao artigo definido da palavra “caverna”, em 1Rs 19,9 tornou-se um quebra-cabeças para os exegetas, porque remetia para uma gruta conhecida; o problema é que as palavras não coincidem, nem no texto massorético hebraico, nem no grego dos LXX: se para Moisés se fala da “cavidade do rochedo”, para Elias, fala-se de uma “caverna”.
- 6 Outras vezes, é o Anjo da Guarda ou Anjo da Paz.
- 7 Note-se o ambiente da Serra d’Aire e as montanhas da Península do Sinai.
- 8 Cf., a este respeito, Is 2,2: o próprio monte do Templo do Senhor, em Jerusalém, elevado “no cimo das montanhas”.
- 9 Memórias da Ir. Lúcia. I, 169.170.
- 10 Memórias da Ir. Lúcia. I, 171.
- 11 SI 36/35,8: “Ó Deus, que maravilhosa é a tua bondade! / Os humanos refugiam-se debaixo das tuas asas”.
- 12 Memórias da Ir. Lúcia. I, 54.
- 13 Memórias da Ir. Lúcia. I, 56.
- 14 Em Mc 16,5: um jovem vestido de branco; em Lc 24,4, dois homens em vestes fulgurantes.
- 15 Memórias da Ir. Lúcia. I, 169.
- 16 Cf. Jo 20,27: “Olha as minhas mãos: chega cá o teu dedo! Estende a tua mão e põe-na no meu peito. E não sejas incrédulo, mas crente”.
- 17 Cf. Jo 20,28: kyríos e theós, reconhecendo a divindade de Jesus e a sua glorificação, ou seja, que é igual a Deus, como o era no princípio, quando estava com Deus e era Deus (Jo 1,1).
- 18 Memórias da Ir. Lúcia. I, 140, onde a Jacinta explica ao Francisco que também a eles os dois foi dada a comunhão e diz sobre os efeitos dessa comunhão: “Eu sentia que Deus estava em mim, mas não sabia como era”; na p. 156, a Ir. Lúcia conta-nos que, já doente, o Francisco lhe pedia que, ao ir para a escola, passasse na Igreja “e dá muitas saudades minhas a Jesus escondido. Do que tenho mais pena é de não poder já ir a estar uns bocados com Jesus escondido”.
- 19 Cf. Lc 2,10: “Dou-vos uma boa notícia que será uma grande alegria para todo o povo”.
- 20 Memórias da Ir. Lúcia. I, 78: “As ovelhas conseguiram passar com muita dificuldade”.

Agradecemos todos os donativos que nos foram enviados para auxiliar nas despesas da Causa dos Pastorinhos.

Sem estes auxílios económicos seria impossível manter esta Causa.

Quem quiser continuar a contribuir pode fazê-lo para:

Secretariado dos Pastorinhos

Banco Millennium BCP

NIB: 0033-0000-45340426373-05

IBAN: PT 50-0033-0000-45340426373-05

SWIFT: BCOMPTPL

BEM-AVENTURADOS FRANCISCO E JACINTA MARTO

Publicação trimestral – ISSN 1645-1309

Isento de registo na ERC ao abrigo do Dec. Reg. 8/99 de 9/6 art.º 12 n.º 1 A

Directora: Ir. Ângela de Fátima Coelho, asm

Editor e Proprietário: Postulação de Francisco e Jacinta Marto

Morada: Rua de S. Pedro 9, Apartado 6 – 2496-908 FÁTIMA (Portugal)

Impresso na Gráfica Almondina, Zona Industrial 2354-909 Torres Novas

Contactos:

Tel: 249 539 780 • Fax: 249 539 789

e-mail: secretariado@pastorinhos.com

www.pastorinhos.com